

OS EUS QUE SE (RE) VELAM: A ESCRITA MALABARISTA EM *CORDA BAMBÁ*, DE
LYGIA BOJUNGA NUNES

Solange Maria Moreira de CAMPOS (Centro Universitário de Belo Horizonte/UNI-BH)

ABSTRACT: *After placing Corda Bamba, by gaúcha writer Lygia Bojunga Nunes, in the context of contemporary narratives that combine fiction and social reality, this work intends through a brief sketch of children's literature, to gain a historical perspective on books written for children and young adults in order to understand the role writer plays in the current literary scene.*

KEYWORDS: *literature, irony, speech, Corda Bamba.*

A possibilidade de transformar o livro *Corda Bamba*, da escritora gaúcha Lygia Bojunga Nunes, em objeto de uma pesquisa acadêmica, sem dúvida fez com que a autora seja conhecida e estudada pela representatividade de sua escrita e porque traz para a literatura uma contribuição relevante, dada a sua larga vivência desde que começou a escrever.

Historicamente, produziam-se discursos vários sobre o significado do texto literário para crianças e jovens, que privilegiavam sua função pedagógica, ou seja, como material de aprendizagem ou como mecanismo de instrução ou de moralização, sem levar em conta o livro como objeto de deleite e desfrute. Os primórdios da literatura são marcados pela intenção de se formar a criança, ensinar atitudes e comportamentos e deseducar uma ideologia. Durante um bom tempo, os livros infantis serviram a esse propósito e só aos poucos abandonaram o didatismo e o caráter moralizante para conquistar seu *status* como objeto artístico.

A modernidade, no entanto, e salvo as exceções, apresenta o livro de literatura infantil e juvenil como objeto de desejo, para pensá-lo na dimensão de prazer daqueles que tornam possível a existência do texto: o autor, porque produz, e o leitor, porque através do exercício interpretativo da leitura constrói sentidos para o que lê. O texto traz suas marcas mas acolhe também aquelas evidenciadas pelo leitor.

Corda Bamba rompe com a concepção tradicional de texto literário e pode servir como paradigma de uma preocupação com o desenvolvimento do prazer da leitura. O livro apresenta dimensão lúdica, diverte e instrui ao mesmo tempo, pois dialoga com o universo simbólico do leitor, respondendo, quando possível, às suas demandas.

Inscreve-se na produção contemporânea de narrativas para jovens que entrecruzam fantasia e realidade e tomam estreitas e tênues as fronteiras entre uma e outra. Constrói a história de Maria, filha de equilibristas e ela mesma artista circense, sua vida no circo e a apresentação na corda bamba. Mas é também o caminho e a caminhada para dentro de si mesma, território que, sozinha, começa a investigar. Retirada a contragosto do convívio com os amigos, após a morte dos pais no picadeiro durante um dia de espetáculo, vê-se obrigada a morar com a avó, mulher rica, autoritária e repressora. Maria sofre o impacto da perda e passa a viver "encascada", temporariamente alheia ao que acontece ao seu redor.

E esse tempo todo a Maria ficou assim: calada, só pensando. (...) calada até não poder mais, testa franzida, parece que ela tá sempre pensando uma coisa com força. (19)

Busca, sozinha, construir o mapa de seu mundo¹, espaço onírico, de janela diferente e portas misteriosas, que ela precisa abrir, viandante numa corda imaginária, para decifrar os códigos de sua vida passada, sombreadas cenas de um tempo que ela necessita reconstituir para se encontrar e continuar vivendo. Maria escolhe o caminho e realiza uma busca voluntária: corre atrás de seu desejo. Decide que a corda vai ser o seu calçadão, a ponte interligando mundos paralelos e (des)conhecidos: a cidade grande e o circo, passado e presente, infância e adolescência, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo, a avó, e Foguinho e Maria Barbuda, seus amigos do circo. Nessa travessia, o inevitável aprendizado da corda bamba:

Pois é. Foi naquela hora que Maria resolveu que a corda ia ser o calçadão dela: todo o dia de manhã cedo ela ia sair pra passear. (48)

Já na casa da avó, voltar à corda, ainda que pela fantasia, possibilita um mergulho no seu subconsciente, para trazer à tona a memória perdida do que aconteceu e ficou nebuloso no passado. No devaneio da menina, a corda esboça, então, o longo fio estendido para o antigamente. Maria atravessa quase todo dia um corredor de mistérios, por onde desfilam portas abertas, entreabertas, trancadas, que ela vai investigando. Ao preencher esse cenário, as portas desfilam luminosas e coloridas. Maria vai abrindo uma após a outra. Ao mesmo tempo, o narrador se dedica às suas significâncias: branca, a libertação da menina; amarela, o casamento de Márcia e Marcelo, a nova vida, o nascimento de Maria; cinzenta, o rapto da protagonista; azul, o reencontro de pais e filha; vermelha, discussões, morte; e a última, como matizes do arco-íris, a coragem para enfrentar o tempo futuro:

Era uma porta diferente de tamanho e de feitio, diferente de pintura também parecia que estavam experimentando cor: tinha uma porção de pinceladas, cada uma de uma tinta.

Maria abriu a porta bem de leve e bem devagar. Mas sem medo.

Era um quarto vazio.

Maria fechou a porta, e ficou muito tempo ali parada, no meio de coisa nenhuma.

Depois, aos poucos, começou a arrumação do quarto. (123)

Constitui-se a narrativa de capítulos tensionados pela preocupação do narrador em questionar o mundo e suas máscaras, numa espécie de jogo de contradições. A linguagem espaço onde se inventam histórias e palavras, vai compondo o texto/corpo de Maria, num processo de construção/desconstrução. Texto e Maria, seres profundamente afins, em ritual, encenam um movimento de passagem: toda a obra evoca o fazer literário como uma viagem

¹ Essa é uma questão quase obsessiva que atravessa a obra de Lygia: a personagem precisa ter idéias próprias para encontrar sua razão de ser e lutar por elas, ou seja, encontrar sua identidade. A mesma abordagem se passa em outras obras, entre elas *A bolsa Amarela*, *Angélica*, *A casa da madrinha*

no interior de um processo de gestação mutante em que, tanto um quanto a outra, compõem-se e decompõem-se, como espelho estilhaçado, construção em pedaços, cujos cacos, reajuntados, esboçam uma tentativa de corporificação. Maria é a vitória da vida; o texto, a da criação.

De forma análoga, trata-se de um processo que pressupõe uma cumplicidade que a literatura requer: o leitor é sempre instigado a participar. Do mesmo jeito que Maria, ele é solicitado a intervir. Cada uma seu modo remaneja seus papéis, espectadores que são de si mesmos. Um texto literário que faz confluir o real e o imaginário reflete a especificidade da literatura em deixar coabitar, num mesmo discurso, várias possibilidades de significação e de elaboração de significantes.

Maria busca compreender suas interrogações como apoio dos amigos – a Mulher Barbuda, Foguinho, Quico, Pedro – e contra os que procuram mantê-la presa – a avó, Dona Maria Cecília Mendonça de Melo, e a professora particular, Dona Eunice. Desde a morte dos pais, Márcia e Marcelo, como diz Barbuda:

...desatou a dormir (...) A gente já tava numa aflição danada achando que ela era capaz de habituar e não querer acordar nunca mais (...) Mas, felizmente, ela acabou acordando. (...) Sabe, a gente até tá achando que a Maria não lembra de mais nada. (19)

Foguinho e Barbuda são a sua segurança, mas por pouco tempo. A avó resolve cuidar da educação da neta. Em sua casa, a menina possui todas as coisas que qualquer criança gostaria de ter: brinquedos, conforto, festa com balas e doces e até um presente original e bizarro, uma velha, só para ela, que conta histórias, tantas quantas desejar. Contudo, falta-lhe o essencial, compreensão e afeto.

Do primeiro ao quarto capítulo, a complicação ocorre em dois níveis: o do real, corresponde ao mundo convencional que está ligado a tudo o que não se identifica com Maria: a casa, a avó, a aula particular; o do fantástico, corresponde ao mundo anticonvencional, tudo o que ela gostaria de ter e ser novamente.

O clímax acontece também em dois planos: o do real, quando Maria, em processo de descoberta, busca em Pedro a possibilidade de se libertar do domínio da avó. No plano do fantástico, quando ela consegue abrir a porta vermelha: nesse momento, supera todos os bloqueios da sua memória, relembrando a morte dos pais.

Por estar constantemente sob o domínio e a opressão da avó, sente-se prisioneira, tenta desvencilhar-se. Começa a investigar seu próprio eu. Na sua fantasia, uma corda é esticada e, na travessia, equilibrando-se ou, às vezes, falseando as passadas, pouco a pouco desvenda os mistérios guardados dentro de si. Uma a uma, as portas do passado vão sendo abertas e, cinematograficamente, as cenas reconstituídas: seu nascimento, o namoro e a luta dos pais pelo direito de viverem a própria vida, o circo, o número de equilíbrio e, por fim, a morte trágica de Márcia e Marcelo. A corda esticada leva-a ao futuro. E lá também estão as portas, abertas, revelando cenários, quartos vazios que só ela preencherá com a aventura de sua existência. O texto vai deixando à mostra as tentativas do narrador de fotografar a alma humana:

O tempo vai passando, mais portas vão aparecendo, e Maria vai abrindo elas todas, e vai arumando cada quarto, e cada dia arruma melhor, não deixa nenhum cantinho pra lá.

Num quarto bota o homem que ela vai gostar, no outro, os amigos que ela vai ter. Arruma, prepara, prepara: ela sabe que vai chegar o dia de poder escolher. (125)

Só ela, e mais ninguém, pode colocar nos quartos vazios todos os seus desejos, de acordo como grau de importância em sua vida.

Corda Bamba enfoca elementos relacionados com a psicanálise. Semelhante à protagonista, Lygia também se submeteu a um denso processo de investigação interior, durante aproximadamente quatro anos² (POTHAKOS, 1998: 29). Pode ser considerada, ainda, uma obra em que a autora exercita um processo de auto-análise através da criação literária. Os lugares visitados por Maria, as suas diversas moradas, os seus caminhos e descaminhos também foram da autora em diferentes etapas de sua vida.

Por meio de seus personagens e das tramas que arquiteta, Lygia Bojunga Nunes questiona valores estabelecidos e vai demolindo tabus e preconceitos contra a criança, o velho, o diferente, a mulher, propondo alternativas para as relações interpessoais. Isso pode ser observado em seus livros *Os colegas*, *Sete cartas e dois sonhos*³, *A casa da madrinha*, *Angélica*, *Abolsa amarela*, *Osófa estampado*, e especialmente em *Corda Bamba*⁴.

Suas produções mostram ao leitor um percurso que o faz transitar do real ao fantástico; ao mesmo tempo, propõem uma reflexão sobre as dúvidas e os conflitos da infância na passagem para a adolescência. Esses questionamentos estão presentes desde os seus primeiros livros. Optando por capítulos curtos, a autora privilegia o imaginário ao colocar em convivência personagens humanos, animais, objetos, seres fantásticos ou metamorfoseados, todos falando de situações muito subjetivas e intimistas.

Em outras obras, Lygia coloca na berlinda a leitura, e também a escrita, como um processo criador. Através delas, desfila sua paixão pelos livros e por autores diversos que edificaram sua letra⁵. Transforma-se numa amadora de livros. Gente e livros, suas paixões:

É que sempre usei livro pra tudo: pra saber ler, pra alargar pé de mesa, pra aprender a usar a imaginação, pra enfeitar sala quarto a casa toda, pra ter companhia dia e noite, pra aprender a escrever, pra sentar em cima, pra rir, pra gostar de pensar, pra ter apoio num papo, pra matar pernilongo, pra travesseiro, pra chorar de emoção, pra firmar prateleira, pra jogar na cabeça do outro na hora da raiva, pra me abraçar-com pra banquinho pro pé, eu sempre usei livro pra tanta coisa, que a coisa que mais me espanta é ver gente vivendo sem livro. (NUNES, 1999:83)

Em produções como *Fazendo Ana Paz*, *Paisagem*, *Livro – um encontro com Lygia Bojunga Nunes*, a proposta metalingüística realça ao leitor as dificuldades enfrentadas por ela e por todo escritor de literatura, pois escrever assemelha-se, de certa forma e dadas às

² Essa afirmação consta do artigo publicado na revista *Releitura 11*.

³ Esse livro foi escrito em parceria com a artista plástica Tomie Ohtake. Trata-se de uma produção de alta qualidade gráfica que veicula à criança a arte literária ao lado da arte visual.

⁴ *Corda Bamba* foi o seu primeiro texto adaptado para o teatro. O trabalho foi realizado por Ewerton de Castro, que também dirigiu a peça no Rio de Janeiro.

⁵ Apaixonou-se cedo por gente e livros. Seus autores preferidos são Monteiro Lobato, Edgar Allan Poe, Rainer Maria Rilke, Dostoiévsky, Fernando Pessoa. Entre as mulheres escritoras que a fascinam estão Cecília Meireles, Clarice Lispector, Katherine Mansfield, Jane Austen.

dificuldades, a um instigante caminhar na corda bamba. Nessa trilogia, a autora estabelece um diálogo consigo e com o leitor sobre o ato de escrever, o processo de criação e os percalços enfrentados pelo escritor quando tenta investigar ou mesmo fotografar a alma humana. Nos contos de *Tchau*, a autora também formula um questionamento sobre o ato criador e a escritura, presentes nas obras posteriores.

Em *Sete cartas e dois sonhos* (depois publicado como *O meu amigo pintor*), cartas e sonhos associam-se a cores, pinturas e ao suicídio de um pintor⁶. Temas polêmicos e, às vezes, proibidos ou velados na infância e adolescência, são tratados com espontaneidade e sutileza, sem estereótipos, dando espaço à descoberta. *Nós três* é um bom exemplo dessa especificidade narrativa. O tema é a morte, tratado com objetividade e sem melodrama.

Lígia Bojunga não gosta de entrevistas, mas, através de seus livros, pode-se conhecer a artesã, a atriz⁷, a mulher, a escritora, a tecelã. Há, também muito da escritora nos personagens que cria. Alguns encarnam sua vida, suas paixões, seu pensar; outros revelam suas preocupações políticas e sociais, suas esperanças e sonhos. Há, ainda, os que falam por ela, buscam respostas para suas perguntas e procuram explicações para seus dilaceramentos. No texto, palco onde transitam seus personagens, vários eus se apresentam em desafio: o eu escritora, o eu leitora, o eu equilibrista e malabarista da palavra, o eu criador, o eu-andarilha, o eu-migratória. É leitura de histórias dramáticas ou pitorescas, cujo *gran finale*, como nos espetáculos circenses, deixam o leitor/espectador esfregando as mãos, apertando os dedos, fazem-no rir e chorar ao mesmo tempo.

A cama, Feito à mão e O rio e eu encerram uma experiência autobiográfica e memorialista. Lygia deixa sua vida misturar-se à escrita, num processo visceral que conchama mais uma vez a participação do leitor, sempre valorizado em seus escritos. Ao transitar pelo Rio de Janeiro, história e memória se entrecruzam e, ao mesmo tempo, juntam-se às suas lembranças daquela cidade. Nessa trajetória, abre ao leitor a possibilidade de também refazer a sua história, construindo-a em cumplicidade com a autora.

Lygia Bojunga também valoriza as relações intersemióticas, ao transpor da linguagem literária para a teatral alguns de seus livros, além de, em outros, trabalhar com diferentes expressões artísticas. É o caso da escultura, em *Nós três*, e da pintura, em *O meu amigo pintor*:

Abandonei empregos e estudos quando esbarei numa outra paixão, que me tomou de assalto: dessa vez pelo teatro. E, durante um tempo, o eu-atriz se impôs de tal maneira, que nem sobrou mais lugar para eu-nenhum (NUNES, 1999:55)

Lygia Bojunga teve todos os seus livros premiados no Brasil. Em 1985, recebeu os prêmios *Molière* e *Mambembe* de teatro. De sua fortuna crítica fazem parte vários prêmios internacionais, um deles, muito importante, a medalha *Hans Christian Andersen*⁸, em 1982,

⁶ A relação de Lygia com as artes começa pelo teatro, sua grande paixão. Abandonou o curso de medicina para se tornar atriz. Escreveu também para o rádio, depois para a televisão, mas a paixão pelos livros acabou predominando e ela assumiu por completo sua vocação literária.

⁷ Nos últimos anos, a autora encenou dois de seus livros (*Fazendo Ana Paiz Livro, um encontro com Lygia Bojunga*) em universidades e espaços culturais por todo o Brasil e também no exterior.

⁸ Esse prêmio é considerado o Nobel dos escritores para a infância e juventude de todo o mundo, concedido pelo IBBY (International Board on Books for Young People), com sede na Suíça. Pela primeira vez esse prêmio foi outorgado a um autor latino-americano.

o mais prestigioso prêmio internacional do gênero, pelo conjunto de sua obra, sendo a primeira brasileira contemplada

Sua obra mereceu publicação em espanhol, alemão, francês, holandês, dinamarquês, islandês, sueco, norueguês, e tradução para o japonês, húngaro, catalão, finlandês e búlgaro. Vários de seus livros se revelam altamente recomendados pela crítica européia, estão sendo radiografados em diversos países, e *Corda Bamba*, inclusive, já foi filmado na Suécia.

Este trabalho esboça o perfil da escritora Lygia Bojunga Nunes e localiza-a no contexto artístico brasileiro, considerando a produção literária infantil e juvenil, embora a autora de *Corda Bamba* aspire a ser lida também pelos adultos:

Qualquer literatura infantil de qualidade será também literatura de adultos, com leituras diferentes entre os pequenos e os grandes. Que idade tem o olhar que se debruça sobre a obra de arte, enamorado?⁹

A escola tempestivo o objetivo de criar o “hábito de ler”. Na ânsia de atender ao que consideram o gostar de ler, muitos professores privilegiam a indicação de textos ou que constituam distração para o leitor ou que se preocupem em divertir sem questionar. Fica difícil encaixar nessas características os textos de Lygia Bojunga Nunes, esses, sim questionadores, densos, rompedores de esquemas, audaciosos nas propostas de linguagem e leitura, porque exigem leitor aberto, ousado, libertário.

Ao contrário das histórias pedagógicas, cheias de lições e exemplaridade e que se confundem com as ideologias da família e da escola tradicionais, preservando o antigo como se fosse o sagrado, Lygia Bojunga atualiza em seus textos as discussões em torno das experiências infantis, sem distinção de classes sociais. São narrativas cujo foco passa pela perspectiva do jovem leitor. Essa escritura entretece a trama de *Corda Bamba*, valorizando a voz da personagem Maria, uma menina de dez anos. A palavra de ordem na vida é a experiência da garota é “inventar”. Por meio de sua inventividade é que ela (re)descobre sua história, “criando” uma corda bamba imaginária, instrumento de seus achamentos. O texto eclode a partir da adesão ao ponto de vista da personagem Não incorre no dirigismo, na pieguice, na inconseqüência ou em qualquer outra cilada nascida da confusão entre infantil e primário. Com a personagem Maria, transmite sua certeza no potencial que cada criança traz dentro de si, e legitima sua capacidade de recompor-se e encontrar caminhos novos e criativos para sua vida, vencendo obstáculos, medos e dramas do passado.

O imaginário popular consagra à expressão *viver na corda bamba* a característica daquele que enfrenta desafios diários na luta para sobreviver. Assim caminha a protagonista do livro, em busca de seu próprio equilíbrio. Abre as portas do passado para tentar desvendá-lo, e se refaz dos traumas marcadores de sua infância.

Por todos esses postulados, os livros de Lygia Bojunga se superam, despertam a curiosidade de adultos, jovens e crianças, e trazem em si os caminhos que permitem a esses leitores produzir novos sentidos a cada leitura, tornando-se uma referência de prazer e encantamento para o resto de suas vidas.

⁹ A afirmação consta de entrevista dada por Lygia às professoras Bernardete Pothakos e Ilza Matias de Sousa, para a *Revista Relitura* 11, out., 1998.

RESUMO: Depois de localizar *Corda Bamba*, da escritora gaúcha Lygia Bojunga Nunes, nas narrativas contemporâneas que entrecruzam ficção e realidade social, este trabalho pretende esboçar o perfil da escritora, localizando-a no contexto artístico atual.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, ronia; *Corda Bamba*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.
- DOR, Joël. "Sujeito do inconsciente. Sujeito do enunciado. Sujeito da enunciação". In: *Introdução à leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. Carlos Eduardo Reis Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Ed. Contexto, 1969.
- MAIGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª Ed. São Paulo: Pontes Editora, 1997.
- _____. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

